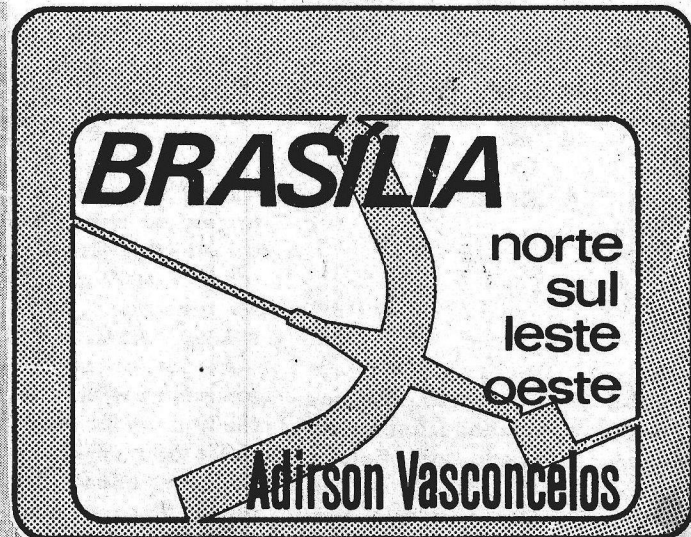




AO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA, QUE DESBRAVOU O SERTÃO E ERGUEU BRASÍLIA COM AUDÁCIA, ENERGIA E CONFIANÇA, A HOMENAGEM DOS PIONEIROS QUE O AJUDARAM NA GRANDE AVENTURA.

Ideal de Tiradentes, antevisão de Hipólito da Costa e José Bonifácio, tema de estudos de Adolfo Varnhagen e tantos outros brasileiros de boa vontade, sonho-profético de Dom Bosco, proposta constitucional dos constituintes republicanos e aspiração de toda uma nacionalidade - Brasília tornou-se realidade pela força de vontade e espírito público do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que a inaugurou no dia 21 de abril de 1960, depois de uma epopéia de trabalho ininterrupto em que, sob a sua liderança, técnicos, candangos e máquinas, ao longo de uma faixa de cerca de mil dias, concretizaram um sonho de tantas gerações de brasileiros, ao plantar no interior central do País a nova Capital do Brasil.

Com a inauguração de Brasília, que se constituiu a Meta Síntese do Governo Kubitschek, o povo brasileiro dava ao mundo uma demonstração de sua fé, da sua capacidade de trabalho e da sua confiança nos destinos da própria Pátria. Dava-se início a uma Nova Era na História do Brasil, com o "gigante pela própria natureza" dando sua arrancada, encontrando-se a si mesmo no seu interior, para dinamizar um celeiro de imensas riquezas telúricas, que ainda se encontravam em estado potencial, inerte e sonolento.

Eram, assim, lançados - na antevisão de Hipólito José da Costa, no "Correio Braziliense", em 1813 - os "fundamentos do mais extenso, ligado, bem defendido e poderoso império que é possível existir na superfície do globo".

E um homem de vontade inquebrantável entrava na imortalidade, na História do seu País e da humanidade toda: o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Litoral e Interior uniam-se no coração do território brasileiro, onde nasceram os grandes rios e, com Brasília, as grandes estradas. As rodovias, ferrovias e a aviação ganhavam um ponto central e equidistante de todo nacional. A marcha para o Oeste e para a Amazônia tornara-se uma realidade. O Brasil passou o caminho, a passos largos, para viver os grandes destinos que o futuro lhe reserva.

Dai a propriedade com que Juscelino Kubitschek, definindo Brasília chamou-a "cérebro das altas decisões" e dela lançando "os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu País", anteviu uma "alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

Tudo começou quando Juscelino Kubitschek, candidato à Presidência da República, promovia, em 1955, um "diálogo democrático" em comício público na cidade de Jataí, em Goiás. Ali, foi abordado por um popular que lhe indagou "se eleito, mudaria a Capital do

Brasil" para o interior. O então candidato à Presidência respondeu que "sendo a mudança um preceito constitucional", o seu "Governo daria os primeiros passos".

Jataí ficou presente no espírito de Juscelino Kubitschek e, ao assumir o Governo, colocou a mudança da Capital como "Meta Síntese" de sua administração.

Cinco dias após à sua investidura na Presidência da República, Juscelino Kubitschek chamou ao Catete, no Rio, o Marechal José Pessoa, o qual durante o Governo Vargas presidira a Comissão de Localização da Nova Capital. O encontro foi da maior importância, pois o Presidente inteirou-se do que já existia sobre a mudança e quais as providências iniciais para efetivar o preceito constitucional.

Procurado pela imprensa, o marechal José Pessoa fez um relato sobre suas observações no Planalto Central, onde encontrou "um clima ameno, seco e saluberrimo, a cerca de 1.250 metros acima do mar, o que fará da nova Capital um lugar ideal para se viver e trabalhar, cercado de belos panoramas e magníficos horizontes".

Poucos dias depois, os jornais noticiavam a assinatura do Decreto Presidencial criando a Comissão de Planejamento da Construção e da mudança da Capital Federal, em substituição à Comissão de Localização da Nova Capital.

Em sua primeira mensagem ao Congresso Nacional, Juscelino Kubitschek se refere à "necessidade da construção da nova Capital do Brasil, no Planalto Central". Um mês depois, em abril de 1956, Juscelino assina, em Anápolis, uma Mensagem ao Congresso submetendo à apreciação das duas Casas, a delimitação da área para o novo Distrito Federal, ao mesmo tempo criando a Companhia Urbanizadora da Nova Capital - Novacap. Era, igualmente, proposto nome de "Brasília, para a nova Capital". Meses depois, em setembro de 1956, o Congresso transformava em Lei o "desejo de gerações e gerações" de brasileiros.

Aprovada a Lei pelo Congresso, o Presidente Juscelino Kubitschek, ainda em 1956, tomou uma série de providências, entre as quais destacam-se as seguintes: convocação dos interessados, através de Edital, para o "Concurso do Plano Piloto de Brasília", saindo vencedor o projeto do urbanista Lúcio Costa; o engenheiro Israel Pinheiro era nomeado e assume a presidência da Novacap; Juscelino visita a região em que se localizaria Brasília; Niemeyer era contratado para planejar os edifícios da nova Capital; na área do novo Distrito Federal, era construído um Palácio

Presidencial Provisório - o Catetinho - o qual foi levantado em dez dias; nos últimos meses daquele ano, homens e máquinas chegavam à região sob a direção de Bernardo Sayão; levantavam-se as primeiras barracas, e, sem perda de tempo, começava um formigueiro de obras, funcionando dia e noite. Enquanto isto, Bernardo Sayão era designado para, concomitantemente com as suas funções em Brasília, deixar o cerrado Planalto Central e enfrentar com seus homens e máquinas a floresta virgem da Amazônia e nela construir a Rodovia Belém-Brasília, estrada conhecida como "caminho da integração nacional".

Dentre os pronunciamentos de Juscelino Kubitschek sobre Brasília destacam-se aqueles feitos em três oportunidades. A primeira quando visitou pela primeira vez, em 2 de outubro de 1956, a região onde se localizaria a nova Capital. A segunda, por ocasião da Primeira Missa. E a terceira, quando da inauguração de Brasília, a 21 de abril de 1960.

Ao visitar o local onde Brasília nasceria, Juscelino Kubitschek, na manhã de 2 de outubro, teve um momento de reflexão para afirmar:

- Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu País, e antevejo esta alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

E, numa oração, afirmou: "Agradeço a Deus o privilégio que me concedeu de encarnar, como Presidente da República, o espírito pioneiro e o sentimento nacional, que me deram inspiração e força para erguer Brasília no coração do Brasil, com o sentido de transformação e transfiguração do meu país."

Mesmo tendo diante dos olhos apenas o chão batido do cerrado, Juscelino teve, naquela sua primeira visita de 2 de outubro de 1956, uma visão da Brasília já construída e produzindo os seus efeitos, ao afirmar:

- Parecendo um sonho, a construção de Brasília é uma obra realista. Brasília significa uma revolução política e uma revolução econômica. Estamos erguendo-a com aquele espírito de pioneiros antigos dos homens que desbravaram os sertões modernos em nossas almas ansiosas por fundar uma civilização no coração do Brasil.

Do ponto de vista econômico - garantiu JK - Brasília resolverá situações já esgotadas, porque vai criar um novo centro de gravidade, para maior equilíbrio, melhor circulação e mais perfeita comunicação entre o litoral e o interior, entre o norte e o sul.

Politicamente - anteviu Juscelino,

Brasília significa a instalação do Governo Federal no coração mesmo da nacionalidade permitindo aos homens de Estado uma visão mais ampla do Brasil como um todo e a solução dos problemas nacionais com independência, serenidade e paz interior.

Fez ainda uma análise histórica sobre a realidade nacional sem Brasília:

- Na primeira História do Brasil que se escreveu, a de frei Vicente do Saldor, nos primórdios do Século XVII, já observava o seu autor que a colonização, se fazia como a de caranguejos, agarrados ao litoral. Euclides da Cunha acrescentava profeticamente, no limiar do século XX, que o drama político e sociológico do Brasil continuaria a ser a separação, com disparidade de estilos de vida, entre o litoral e o interior, como se fossemos duas nações dentro de uma mesma nação".

Na inauguração de Brasília, a 21 de abril de 1960, Juscelino Kubitschek revelou, em três oportunidades solenes, as manifestações do seu espírito.

Ao hastear a Bandeira Nacional, inaugurando Brasília, disse:

- Cabe-me a honra de içar neste momento a Bandeira Nacional. Faço-o com emoção que dificilmente poderia exprimir.

- Sinto agora a mesma vibração, o mesmo entusiasmo, o mesmo tremor que sentem todos aqueles que estão praticando o mesmo gesto nos quatro cantos da Pátria. Meu pensamento volta-se, neste instante, para as novas gerações que hão de recolher o fruto de nossos trabalhos e encontrar um Brasil diferente que encontrarmos, um Brasil integrado no seu verdadeiro destino. Diante da Bandeira Nacional, com as suas vinte e duas estrelas, saúdo os pioneiros, os que lutaram para que chegassemos ao que somos, e saúdo os filhos dos nossos filhos para os quais, sem medir esforços e sacrifícios, erguemos as bases da nossa grandeza futura".

Ao receber a chave simbólica de Brasília, disse Juscelino Kubitschek: dirigindo-se aos candangos:

- Sou apenas o guardião desta chave. Ela é tão minha quanto vossa, quanto de todos os brasileiros. A irmanação de quantos aqui trabalharam lembra a construção das catedrais da Idade Média, quando artistas anônimos, mestres, aprendizes se animavam pela fé em Deus, em cuja honra se levantaram esses poemas arquitetônicos. Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando entender o que será amanhã, porque a Fé em Deus e no Brasil nos sustentou a todos nós, a esta família aqui reunida, a vós todos, candangos, a quem me orgulho de pertencer.

E definiu os operários que o ajudaram

a construir Brasília:

- Assisti desde as primeiras horas a vossa chegada ao planalto; vi como pegastes no trabalho; como vos animastes, homens à procura de um destino melhor, não apenas para vós mesmos, mas também para nosso País. Vosso idealismo animou-me a mim próprio. Falais pouco, apenas o suficiente, pois o sofrimento vos tornou sérios, graves. Não é por palavras e aplausos que manifestais o vosso agrado e o entusiasmo que vos possui: é pela ação.

E conclui, com uma oração:

- A vontade de Deus ergueu esta cidade. Com o pensamento na Cruz em que foi celebrado o Santo Sacrifício, peço ao Criador que mantenha cada vez mais coesa a unidade nacional, que nos dê sempre esta atmosfera de paz, indispensável ao trabalho fecundo e conserve em vós, obreiros de Brasília, o mesmo espírito forte com que erguestes a grande cidade.

Ao instalar, no dia 21 de abril, o Poder Executivo em Brasília, declarou Juscelino Kubitschek:

- Quando aqui chegamos, havia na grande extensão deserta apenas o silêncio e o mistério da natureza inviolada. No sertão bruto iam-se multiplicando os momentos felizes em que percebíamos tomar formas e erguer-se por fim a jovem cidade. Vós todos, aqui presentes, a estais vendo, agora, estais pisando as suas ruas, contemplando os seus belos edifícios, respirando o seu ar, sentindo o sangue da vida em suas artérias. Somente me abalancei a construí-la quando de mim se apoderou a convicção de sua exequibilidade por um povo amadurecido para ocupar e valorizar plenamente o território que a Providência Divina lhe reservara.

Afirmando que "viramos no dia de hoje uma página da História do Brasil", Juscelino enfatizou:

- Esta cidade, recém-nascida, já se enraizou na alma dos brasileiros; já elevou o prestígio nacional em todos os continentes; já vem sendo apontada como demonstração da nossa vontade de progresso, como índice de alto grau de nossa civilização; já a envolve a certeza de uma época de maior dinamismo, de maior dedicação ao trabalho e à Pátria, despertada, enfim, para o seu irresistível destino de criação e de força construtiva.

E finaliza Juscelino:

- Daqui, do centro da Pátria, levo o meu pensamento a vossos lares e vos dirijo a minha saudação. Explicar a vossos filhos o que está sendo feito agora. É sobretudo para eles que se ergue esta cidade síntese, prenúncio de uma revolução fecunda em prosperidade. Eles é que nos hão de julgar amanhã".